

Eis um novo exemplo, muito mais trágico. Trata-se de uma mulher de cerca de trinta e dois anos. Era rica e vivia no estrangeiro com os seus dois filhos. Três ou quatro meses antes de eu a conhecer, tinha ela ficado sem o mais velho, uma menina de quatro anos, morta de febre tifóide. Imediatamente após a morte da criança, manifestou-se um estado depressivo patológico que tornou necessário um tratamento numa clínica. O motivo da depressão parecia aos psiquiatras de uma clareza evidente: a filha predilecta tinha-lhe sido arrebatada e esse choque alterou-lhe o equilíbrio. Foi transferida para o meu serviço e tive de me ocupar do caso. Quis certificar-me se não haveria outras causas e fiz-lhe muitas perguntas. Respondeu-me com uma clareza que o seu estado não havia perturbado: «A perda irreparável desta criança tornou-me inconsolável; eu vivia felicíssima e tudo corria o melhor possível». Nenhum outro motivo da sua depressão era discernível. No entanto, fiz com ela uma experiência de associações, que revelaram a sua patogenia. Eis a lista das palavras indutoras críticas que determinaram reacções prolongadas: «Anjo», «teimoso», «mau», «azul», «vermelho» (seguido de uma perseveração), «rico», «querido», «cair», «livro» (seguido de uma perseveração), «casar» (seguido de uma perseveração que se estende às duas palavras seguintes indiferentes). Não vos peço para adivinhar o significado deste enigma. Não poderíeis chegar ao fim porque são precisos pormenores complementares, e tive de

perguntar à paciente o que é que lhe lembravam as palavras indutoras críticas, esperando, por esse modo, entrar na pista dos complexos afectivos eventualmente responsáveis da sua depressão.

«— Anjo». Que lhe lembra quando pronuncio esta palavra? — perguntei-lhe.

Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas e a doente respondeu que pensava na filha. Continuei logo, dizendo-lhe que compreendia a sua perturbação e compartilhava da sua dor.

Era uma boa introdução às palavras indutoras seguintes que pareciam trazer consigo ainda maiores perturbações e pelas quais tinha sido bom não principiar.

«Teimoso». Meditou longamente e acabou por dizer: «Sou talvez muito teimoso. Porquê? Ou se é teimoso, ou não». Não me demorei mais, mas anotei cá para mim, que havia ali qualquer coisa a elucidar.

«Mau». Esta palavra provocou a mesma meditação que a precedente. Via-se que a atingia a fundo, no mais íntimo de si mesma, de modo indizível e a mergulhava num estado confuso. Achava-se aí, pela certa, o complexo patológico específico, responsável do mal. Tratava-se de qualquer coisa que ela não conseguia agarrar, nem realizar, nem manejar. Os Ingleses dizem, de uma coisa idêntica: «*I cannot cope with it*»: «Não consigo tocar-lhe. É algo de tão escaldante, tão perigoso, tão pesado, que não se consegue apreendê-lo. As coisas que tomam e assumem tais proporções numa pessoa tornam-na doida. O que o eu não consegue chamar a si é patogénico. O infeliz que tiver a desgraça de ser apanhado na engrenagem de tal conflito, se não dispuser de uma cabeça sólida, bem firme em cima dos ombros, tem todas as probabilidades de ser vítima de uma explosão figurada da caixa craniana. Tomei nota na minha ficha: há qualquer coisa de grave.

«Azul». «Sim, os olhos da minha filha eram azuis; tinha olhos lindíssimos, admirados por todos, logo ao nascer.»

De repente, crispou-se, o que observei e anotei de novo: por detrás de tudo isto há ainda mais alguma coisa, pois o seu rosto apresentava a expressão patológica, reveladora da presença de um elemento intangível subjugante.

«Rico». «Nada me ocorre, é assunto que pode ser-me indiferente, pois vivíamos sem dificuldades. Porque havia isso de me interessar? Sim, quem é rico, então? Ah! sim, é exacto; rico é o senhor X.

— Que pode existir de comum entre a senhora e ele?

— Tive por ele uma grande paixão. Mas que tem o senhor com isso! Sim, sabe...»

Anotei: aqui anda mistério! De facto, o episódio surgiu. Pouco antes da doença da menina, recebera a doente a visita de um cavalheiro, amigo desse abastado senhor X, o qual, num momento de ausência do marido lhe afirmara: «estive ultimamente com o senhor X e ele disse-me que sofrera um forte abalo ao saber do seu casamento». Aquilo foi como uma faísca num barril de pólvora. Na sua juventude, a doente andara loucamente apaixonada por esse senhor; pertencia este a uma família de alta posição, ao passo que ela era duma família modesta. Um rapaz de tal categoria não lhe ligaria a mínima importância, imaginava. «É um caso sem esperança e tenho de pensar noutro». Com muito custo conseguia dominar e modificar os seus sentimentos para casar com o actual marido. A princípio, tudo correu bem. Sentiu-se feliz com o primeiro filho, mas surgiu então um facto dos mais dolorosos: mal a criança abriu os olhos, a mãe notou que não tinha nem os do marido nem os dela, mas os do jovem que amou. Conso-

lou-se com a ideia de que Deus a brindara com aquela criança com uns olhos assim, como recordação do seu imenso amor. Esta ambiciosa hipótese, compreende-se, foi-lhe necessária para dominar e ultrapassar o choque. Depois, não mais ouviu falar do senhor X e a vida deslizou tranquila e sem alteração. Um belo dia, esse amigo comum revela-lhe que o interessado se tinha também apaixonado por ela e sofrera ao vê-la casar com outro. Desde aí, manifestou-se na doente, o que aparece sempre em caso idêntico, uma situação, uma tensão afectiva que colocou o seu ser consciente em estado de deficiência, e a deixou desorientada, de modo que, em virtude deste «abaixamento do nível mental» (Pierre Janet), não mais soube perfeitamente o que fazia. Só ainda se recorda que, de repente, a menina adoecera.

A palavra seguinte era «costumes»; reagiu com: «maus costumes», querendo dizer: costumes imorais. Depois voltou à palavra «mau». Perguntei-lhe: «Que quer dizer? Que há aí de imoral e de mau?

— Não sei — respondeu.

«Dinheiro». Isso fez lembrar as possibilidades passadas, já entrevistas a propósito da palavra «rico».

«Querido». Pensou na filha querida.

«Cair». Esta palavra recordou-lhe pensamentos eróticos sobre o seu antigo amor.

«Casar» recordou-lhe o casamento, um tanto ou quanto artificial.

Só restavam inexplicadas as palavras «mau», «teimoso», «imort...». Voltei à palavra «mau» e perguntei-lhe: «Que há no fundo de tudo isso? Esqueceu-se de me contar alguma coisa? Como contraiu sua filha a febre tifóide?»

«—O caso passou-se assim : banhei-a em água vulgar.»

A doente tinha vivido numa cidade onde havia água potável e água inquinada. Ao banhar a filha na água inquinada — do que só depois se lembrou — viu-a de repente levar a esponja à boca, mas estava tão perturbada que não pensou em o impedir. Este acidente fez-lhe perder todo o autodomínio; o filho mais novo, de dois anos e meio, aproximando-se da banheira, quis também beber água, e ela consentiu. Porque fizera isso? Não sabia. Vi que estava aniquilada e fechada tanto à realização mental como ao significado do acto praticado.

Interrompi o exame, tendo-se tornado o assunto melindroso mesmo para mim. Achei-me de repente em face de um conflito irremediável. Tratava-se de uma doente, de quem se tinha feito um diagnóstico de esquizofrenia, mas que se podia talvez ainda salvar. Se nada se fizer, pensei, sairá do asilo no fim de mais ou menos tempo, com um mal mais ou menos grave. O drama, não corrigido, cairá no esquecimento; ficará simplesmente associado ao domínio do além e ela nunca saberá o que realmente fez.

Ou então, tenho de me arriscar a fazer explodir todo o edifício, dizendo-lhe que assassinou a filha e que queria igualmente matar o outro filho, para poder casar com o senhor X. Tal era a situação. Reflecti um dia e uma noite e disse de mim para mim : Em vez de deixar a doente sepultar-se, incurável, num asilo de alienados, melhor é abrir o tumor. Assim, arrisco-me, pelo menos, a curá-la. Eu sabia que ela podia curar-se, mas não possuía uma certeza absoluta. Como médico, tinha de correr o risco. No dia seguinte, visitei-a e disse-lhe : «Devo comunicar-lhe uma coisa séria. A senhora matou a sua filha, e tencionava igualmente matar o mais novo, que, por milagre, não foi infectado. A senhora queria fazer isso, para se ver livre dos seus filhos, desfazer

a sua união e casar com o outro». Lançou-me um olhar fixo, soltou um grande grito e desfez-se em lágrimas. Pensei no íntimo de mim mesmo : «Agora, acertei».

Depois de algum tempo, a doente voltou a si, ficou normal e pôde, quinze dias mais tarde, ter alta, já curada. Nenhuma perturbação mental persistiu e durante os quinze anos em que continuei a saber dela, conservou-se sempre de boa saúde. O caso envolvia também um aspecto que dizia respeito à justiça criminal. Como assassina, a paciente incorria em castigo; a depressão mental resolvera-lhe psicologicamente o caso; a alienação tinha-a poupado à prisão e o enorme fardo com que carreguei a sua consciência salvara-a da alienação, porque, depois de se reconhecer o pecado, pode viver-se com ele, mas teimar em negá-lo é terrível.